

## **Mitologia dos Orixás na Educação Brasileira do Século XXI e Futura: uma proposta de trabalho para a implementação da Lei nº 10.639**

**Ricardo Szpilman<sup>1</sup>**

**Resumo:** O texto valoriza a mitologia dos Orixás enquanto ferramenta de informação e de deleite estético. Para suprir um espaço pouco explorado e que tem agora uma demanda específica gerada pela Lei nº 10.639, de Janeiro de 2003, que regulamenta o ensino de Cultura Afro-Brasileira nos currículos de todas as escolas do Brasil. A mitologia dos Orixás pode ampliar sobremaneira o entendimento de quem somos, nós os seres humanos e mais particularmente, nós os brasileiros. Através de um questionamento sobre o porquê de se exaltar a mitologia grega, enquanto a dos Orixás fica um tanto à margem no Brasil, o texto procura abrir reflexões e possibilidades.

**Palavras-chave:** Mitologia dos Orixás; Educação para o Século XXI e Futura; Escolas e Sociedade Brasileira.

**Resumen:** El texto valora la mitología de los “Orixás” – divinidades de cultos afrobrasileños – como herramienta de información y de deleite estético. Para suprir un espacio poco explorado y que tiene ahora una demanda específica generada por la Ley nº 10.639, de enero de 2003, que reglamenta la enseñanza de Cultura Afrobrasileña en los currículos de todas las escuelas de Brasil. La mitología de los “Orixás” puede ampliar sobremanera el entendimiento de quién somos, nosotros los seres humanos y más particularmente, nosotros los brasileños. A través de un planteamiento sobre el por qué de exaltarse la mitología griega mientras la de los “Orixás” se queda un tanto al margen en Brasil, el texto busca abrir reflexiones y posibilidades.

**Palabras-clave:** Mitología de los Orixás; Educación para el Siglo XXI y Futura; Escuelas y Sociedad Brasileña.

**Abstract:** This text emphasizes the value of the “Orixás” mythology as a resource of information and aesthetic pleasure. It intends to fulfill a specific demand originated with Law n.10.639 that regulates the teaching of Afro-Brazilian culture in all Brazilian schools. The “Orixás” mythology can improve our understanding of ourselves as human beings and especially as brazilians. It also reflects upon the value given to Greek mythology in Brazil while the “Orixás” story is left behind.

**Keywords:** “Orixás” Mythology, education for the 21<sup>st</sup> century and Future, Brazilian school and society.

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Musical da Unidade São Cristóvão II do Colégio Pedro II. É Mestre em Música (UNIRIO), Regente Coral, Compositor e Arranjador. [ricardo@szpilman.com](mailto:ricardo@szpilman.com)

## As mitologias<sup>2</sup> são encantadoras

Sempre amei a mitologia. Aos dez anos, mais ou menos, quando, numa colônia de férias, ouvi da boca de um colega histórias sobre Perseu, Teseu, Atena... fiquei apaixonado. Assim que cheguei ao Rio, esperei ansioso pela segunda feira de manhã e comprei meu primeiro livro do gênero: *Mitologia Grega e Romana*, um livro de capa verde, de P. Commelin, da Ediouro. Muitos outros livros se seguiram e descobri a obra de Junito Brandão. Depois fui procurar os autores dos antigos textos (*Iliada*, *Odisséia*, *Trabalhos e Dias*, *Teogonia*, *Eneida*...) - que serviram de base para as coletâneas dos mitos - sejam em versos ou mesmo em prosa, o que muitas vezes pode facilitar uma primeira leitura da obra.

Mas a minha paixão pela mitologia excedia a mitologia grega, incluindo outras mitologias, outras gamas do pensamento mítico. Entendo que o pensamento simbólico, seja em mitologias arcaicas e/ou clássicas ou dentro de tradições religiosas, é da natureza humana, e isto sempre despertou minha curiosidade.

Quando fui fazer a letra de uma das parcerias com o cantor e compositor Raphael Gemal, *Chamada*, peguei com meu amigo Zé Renato o clássico do gênero: *Orixás*, de Pierre Fatumbi Verger, e fui estudar. A canção, na minha opinião, ficou muito boa e eu fiquei apaixonado por esta mitologia riquíssima. Com o tempo, adquiri outros autores e comecei a compreender um pouquinho mais desta intrincada rede cósmica de forças que partem da ordem da natureza, da organização do mundo, de sua origem, e se desenvolve entrecortada pelos elementos que habitaram, habitam e habitarão o Cosmo.

É ainda de tatear para mim, mas quanta não é a beleza de descobrir a potência da mitologia dos Orixás, particularmente no Brasil, onde Bantos que chegaram primeiro conviveram com índios, chegaram os Gêges e depois os Iorubás propriamente, ou seja, particularmente instigante culturalmente. Relacionaram-se com uma sociedade, à moda

---

<sup>2</sup> Os termos Mitologia Iorubá, como utiliza Pierre Fatumbi Verger (1981) e Mitologia dos Orixás, como designa Reginaldo Prandi (2001a), para nós serão vistos como sinônimos. Eles se referem ao mesmo assunto e gente, porém, me parece que Prandi pretende resguardar etnias como, particularmente, os Bantos, tão importantes no Brasil - veja-se, por exemplo, o belo trabalho que vem desenvolvendo Nei Lopes (2003) - e que tomaram parte efetiva nos sincretismos que levaram à sedimentação desta mitologia. Embora o texto seja inédito, este trabalho de pesquisa foi apresentado pelo autor no *II Fórum de Consciência Negra da UFRuralRJ*, em 19 de Novembro de 2009.

européia, com as mais diversas influências além da portuguesa (principal presença branca no Brasil). Pessoas do povo de diversas comunidades ou mesmo cortes inteiras, todos viraram escravos. Este sincretismo ocorrido por aqui produziu sua potente singularidade, dentro de sua diversidade, por todo o território brasileiro. Talvez Cuba seja o país onde a cultura, principalmente afro, é mais parecida com a brasileira, através da sua *santeria*. Curiosamente, nos EUA vem crescendo o interesse pela religião e pelos mitos dos Orixás, iniciado pela migração de cubanos (PRANDI, 2001, p. 19).

Lembro-me, diante destas reflexões, dos maravilhosos Afro-Sambas de Baden e Vinícius, através dos quais, talvez, na cultura brasileira, tenha ocorrido uma *abertura de cabeça*, uma ampliação da aceitação popular, e daqueles mitos que eram não só proibidos, mas massacrados nos séculos XVI ao XIX. É verdade que no início do século XX ainda persistia um preconceito enorme e quase nenhum respeito por parte das autoridades, mas os mitos já podiam ser vivenciados com uma sensação de beleza e pertencimento. Lembremos que o Samba, assim como a prática das religiões Afro-Brasileiras, causava ainda muito estranhamento no início do séc. XX, não sendo incomum alguém com o violão debaixo do braço, pela madrugada adentro, ser preso por vagabundagem. Os Afro-Sambas de Baden e Vinícius - provavelmente aprofundando um trabalho composicional ligado ao tema, já desenvolvido por parte, especialmente, de Dorival Caymmi - eram ali consagrados e cantados pela sociedade brasileira.

Vinícius, na minha opinião, foi glorioso duas vezes, em meio às suas inúmeras obras maravilhosas. Primeiro, quando fez a ponte entre cultura popular e cultura erudita, no início do que se transformaria na Bossa Nova. Ele, o poeta consagrado, da “alta cultura” vai compor e até mesmo cantar sambas, para os anos de 1950 não era absolutamente comum. E depois, quando compôs com Baden, como mencionado acima, os Afro-Sambas. Ele se disse, em Samba da Bênção, “o branco mais negro do Brasil, na linha direta de Xangô.”

Hoje, esta cultura afro-brasileira pode ser apreciada abertamente, seja pela espiritualidade, pelas roupas afro e penteados, pela musicalidade, pelas suas danças, engajamento político etc. Muito embora ainda seja, em alguns casos, alvo de desconfiança e descrédito, particularmente quando envolve seus Orixás. Neste caso, é associada às mais diferentes referências. Estes Orixás contam muito da visão de mundo, da cultura na base da tradição - desenvolvida no Brasil - dos povos africanos que vieram, particularmente os Iorubás, cuja influência é mais visível. Mas há realmente muita desinformação.

Com a Lei nº 10.639<sup>3</sup>, de 9 de Janeiro de 2003, o Ministério da Cultura elaborou um material muito bom chamado *A Cor da Cultura*. Peguei, assim que chegou à Unidade Escolar São Cristóvão II do Colégio Pedro II, uma bolsa de lona com jogos, livros e DVDs. Não pude deixar de passar um dos DVDs, que fala da formação da Cultura Negra no Brasil, para meus alunos de 9º ano, já que começávamos o primeiro trimestre de 2007 com Lundu e Modinha - e seguiríamos com Maxixe, Choro, Marcha e Samba - , que consideramos os dois primeiros gêneros de canção brasileira, influenciados, ao menos em seus inícios, pela raiz negra, em muitos dos seus aspectos, principalmente o Lundu, ou Lundum. Quem tiver acesso a este material procure vê-lo, é muito bom!

### Questão para debate

A pergunta que coloco para os alunos é: por que a mitologia grega (ou greco-romana) é alvo de tanta “cultura”<sup>4</sup>, enquanto a Iorubá, com as devidas influências, tão autenticamente relacionada à nossa cultura, tem ficado sempre um tanto à margem?

De nossas discussões e reflexões dois pontos persistem:<sup>5</sup>

1 – A mitologia dos Orixás é, ao contrário da grega, uma mitologia viva. Permanece cotidianamente na prática espiritual de muitas pessoas, que se reúnem em roda para cantar seus cantos e bater seus tambores; contar as histórias da tradição; viver o seu tempo forte, o seu tempo mítico, não só literariamente, mas também em suas vidas, em sua maneira de integrar-se ao mundo, de dar-lhe sentido.

A mitologia grega habita o imaginário de muitos povos hoje, não só pela sua inventiva audaciosa - como Odisseu foi para como a vida - , mas pela redação de clássicos da literatura, seja por Homero, o “grande pai”, criando poemas entre os séc. IX e VIII a.c.

---

<sup>3</sup> Lei que regulamenta o ensino de Cultura Afro-Brasileira nas Escolas do Brasil. Esta Lei, de 2003, faz com que a LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passe a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B. No 1º artigo desta nova Lei, podemos ler: “§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.” Presidência da República.

<sup>4</sup> Na concepção literária de até meados do século XX, ter “cultura” era ser letrado e estudioso, freqüentar concertos, ser um erudito etc. É neste sentido entre aspas que utilizamos o termo aqui. Porém, depois ficou patente a sociólogos e antropólogos que cultura é algo que todos têm, independente de conhecer as referências mais importantes da cultura ocidental. Assim, mesmo os aborígenes mais primitivos do interior da Austrália não são seres sem cultura, pois eles tem seu *modus vivendi*, inseparável de qualquer ser humano em sociedade.

<sup>5</sup> São questões que discuti muito também com os colegas do café filosófico *Café Atenas*, onde estudamos, dentre vários assuntos, ambas as mitologias, grega e Iorubá, Psicologia Analítica e onde também refletimos de modo semelhante.

que foram grafados em torno do séc. VI a.c. (BRANDÃO, 1986, p. 116), Hesíodo ou os trágicos e outros, inúmeras versões habitam este espaço. A mitologia grega foi profundamente “literaturizada” e suas diversas fontes guardam, um certo frescor para o mito, mantendo variantes, mesmo que escritas há muito. Não esqueçamos as variantes modernas, como, por exemplo, literatura adaptada e a produção cinematográfica, seja de filmes e/ou de animações, normalmente deturpam e adaptam friamente os clássicos – é o caso de filmes como *Tróia* e o desenho *Hércules* - mas provavelmente mexem com nossa relação com certos símbolos fixados há milênios. Mas, de qualquer forma, a mitologia grega deixou de ser uma prática ritual.

A mitologia dos orixás acontece independentemente do material escrito, e talvez esta seja uma das razões de sua permanência, justo por fazer parte de uma tradição oral, que resistiu há séculos de opressão. Os escravos não traziam bens materiais, mas sua cultura. Porém este material escrito - grafado em torno de 2.600 anos depois do grego - é de grande valor para informar às pessoas interessadas, sejam curiosos, alunos, pesquisadores ou os próprios praticantes de religiões afro-brasileiras. Segundo Prandi (2001a, 25), somente em 1928 aparecem os primeiros escritos no Brasil, pelas mãos de Agenor Miranda Rocha e apenas em meados da década de 1930 “escritores e cientistas sociais iniciaram o registro mais sistemático de mitos de orixás”.

Os mitos gregos só se conhecem através da forma escrita e das imóveis composições da arte figurada, o que, aliás, é comum a quase todas as mitologias antigas. Ora, a forma escrita desfigura o mito de algumas de suas características básicas, como, por exemplo, de suas variantes, que se constituem no verdadeiro pulmão da mitologia. Com isso, o mito se enrijece e se fixa numa forma definitiva. De outro lado, a forma escrita o distancia do momento da narrativa, das circunstâncias e da maneira como aquela se converteria numa ação sagrada. Um mito escrito está para um mito ‘em função’, como uma fotografia para uma pessoa viva. E se é verdade que a forma escrita é uma característica das mitologias antigas, a grega ainda está comprometida por outra particularidade. Mitos existem, fora do mundo grego, que, mesmo em sua rígida forma escrita, conservam um nítido e indiscutível caráter religioso: são aqueles cujo contexto tem um cunho ritual. (BRANDÃO, 1986, p. 25)

A mitologia dos Orixás, em contraste com a grega, tem exatamente este “cunho ritual”, enquanto prática viva. É um contínuo recontar dos mitos que dá sequência, recriando-os em função dos contatos rituais com os Orixás (sejam deuses ou elementos simbólicos da complexa psique humana). Portanto, esta mitologia está relacionada a

práticas religiosas, o que tende a assustar àqueles que não aceitam desvincular ambos. Isto acaba sendo “um prato cheio” para quem prefere ignorá-la. Ou pior, para os que consideram-na como “coisa do diabo”.

A moral católica da sociedade brasileira dos séculos XVI, XVII e XVIII - quando até inquisição havia no Brasil – e até fins do século XIX e início do XX não podia suportar duas coisas na cultura dos escravos ou ex-escravos: A sensualidade e a religiosidade politeísta. A primeira estava ligada a uma cultura onde a sexualidade não era vista como uma perversão em potencial, mas como uma união natural (e até religiosa, relacionando o Pai Céu e a Mãe Terra) que está ligada à própria fecundidade da Terra, a “grande mãe”. Quanto à segunda, a religiosidade politeísta (ainda mais em línguas em que os jesuítas não conheciam), era algo já combatido nos índios, e que foi um padrão de comportamento inaceitável para os padres e para a sociedade em geral. Curiosamente, hoje entre muitos evangélicos, os católicos ficaram vistos com uma tendência politeísta, pela diversidade de santos aos quais adoram<sup>6</sup>.

2 – A mitologia grega ou greco-romana é uma cultura européia, a *cultura clássica* por excelência. Fonte, é certo, de intrincados conceitos presentes em diversos campos do saber como a filosofia, a psicologia, a literatura, entre outros, enquanto que a mitologia dos Orixás ainda precisa que tomemos coragem de aceitá-la realmente dentro desta diversidade/liberdade religiosa de nosso grande país, em todas as suas áreas. Assim estaremos mais por dentro de uma das essências fundamentais da rica tradição cultural brasileira. Desfazendo preconceitos muito antigos e infundados como, por exemplo, considerar que Exu é o Diabo. Como o Hermes grego, ele é fluxo de energia e informação. Ambos são mensageiros que possibilitam a comunicação entre homens e deuses; ambos transitam entre os mundos. São, também, por este trânsito fácil entre os mundos, *psicopompos* (condutores das almas)<sup>7</sup>. Daí, os católicos – como a religião dominante e particularmente intransigente, naquele momento em que a sociedade brasileira se formava, em que havia até guerra contra protestantes na Europa - associarem Exu com o que havia de pior em sua religião, popularmente: *demo, coisa ruim, tinioso, canhoto...* Eles podem ser, às vezes, trapaceiros, mas são bem mais complexos e interessantes que este maniqueísmo.

---

<sup>6</sup> Hoje a comunidade evangélica, de uma forma geral, é a que mais discrimina o Candomblé.

<sup>7</sup> Esta *psicopompia* mencionada, em muitos casos, é atribuída mais a Iansã que ao próprio Exu.

Este mesmo processo que ocorreu com Exu, também atingiu Jurupari, herói transformador indígena, largamente presente nas lendas, não só Tupi-Guarani, mas dentro de muitos grupos pela bacia do Amazonas e inúmeras outras regiões, condenado a *ser do mau*. “Jurupari-demônio é uma imagem da catequese católica do séc. XVI.” (CASCUDO, 1993, p. 420). Hermes, já inserido no catolicismo ocidental renascentista, foi absorvido, como inúmeros deuses e outros seres da mitologia greco-romana, enquanto cultura “clássica”.

Um exemplo notável desta relação “renascentista” da Igreja Católica com os deuses greco-romanos é o Parecer do Censor do Santo Ofício (Inquisição) à Primeira Edição de *Os Lusíadas*, datada de 1572. O famoso Poema em dez Cantos de Luís de Camões narra as aventuras dos navegadores lusitanos, Vasco da Gama os lidera às Índias por novos e perigosos caminhos. Nesta Edição podemos ler a autorização - sem a qual a obra não poderia ser editada - do censor Frei Bartholameu Ferreira. Deixando claro que mesmo tendo deuses greco-romanos (no poema Dioniso é pintado feito o demônio, mas Vênus, a deusa do amor, é a grande amiga dos portugueses, além das Nereidas, Neptuno e outros), o grande poema épico dos Lusos não contraria a fé e os bons costumes, pois trata-se de poesia e fingimento, muito engenhoso e erudito. (CAMÕES, 1982, p. 26). É muito significativo, pois nesta época milhares de pessoas já tinham ido parar na fogueira e/ou torturadas e muitas se converteram apenas por não serem católicos apostólicos romanos. Assim, aliar cristianismo fervoroso a deuses greco-romanos não constituía motivo para proibir a publicação de *Os Lusíadas*.

É necessário que se diga, entretanto, que o Censor fez certa “vista grossa” (ainda bem!) com relação à “moral” da época, pois há muita sensualidade no Canto IX, quando Vênus, a deusa do amor e seu filho Cupido preparam uma Ilha cheia de Ninfas para agradarem aos heróis portugueses, que chegam das aventuras do mar para mergulharem nas aventuras do amor.

Hermes/Mercúrio, sem maiores problemas, continuou pastoreando o Cosmo, fluxo de transformações. Esteve na Alquimia e retorna, nos parece, agora, na pós-modernidade, como símbolo da informação muito rápida, o nosso incrível mensageiro dos deuses e companheiro dos heróis. Exu também possui este signo da pós-modernidade, este traço dinâmico.

Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado Legba, Bará e Eleguá, sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica. Na época dos primeiros contatos de missionários cristãos com os iorubás na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus com o diabo e ele carrega este fardo até os dias de hoje. (PRANDI, 2001a,21-22).

Apesar das questões arquetípicas transparecerem em todas as mitologias, cada qual tem suas peculiaridades e especificidades culturais, não sendo possível ficar simplesmente associando diretamente uns aos outros, em todos os seus aspectos. Realmente, Exu e Hermes estão muito próximos, porém, são ricamente singulares, possuindo características muito próprias.

Considero a mitologia uma maravilhosa maneira de entender o mundo, independentemente de seu cunho religioso – que separo tranquilamente. Ela alça vãos por onde uma explicação direta pode cair por terra. Ela não pretende ser maniqueísta, explora a incerteza e nos depara com nossas luzes e sombras. Quando falamos de arquétipos, parece que nos fascina a princípio a noção individual que temos de identidade com modelos, porém há também questões arquetípicas que podemos avaliar enquanto sociedade.

os arquétipos são ainda mais do que a matriz que forma os símbolos para estruturar a Consciência. Eles são também a fonte que os realimenta. Por isso, os mitos, além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a Consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar. A obra de Jung demonstrou fartamente que o Inconsciente não é somente a origem da Consciência, mas, também, a sua fonte permanente de reabastecimento. (...)

Nosso país atravessa atualmente uma fase histórica da maior importância para a busca de uma identidade a partir da sua sociedade multicultural. Valorizando nossa ecologia, tentando proteger o que resta das culturas indígenas, estudando as culturas negras representantes da negritude em nosso meio, traduzindo os rituais da cultura japonesa já pujantemente existentes entre nós e voltando-nos às nossas raízes ibéricas para acompanhar o renascimento de Portugal e Espanha do interior do seu enigma histórico, nós brasileiros caminhamos para descobrir quem somos. (BYIGTON apud BRANDÃO, 1986, p. 10)

Nestes tempos pós-modernos, quando uma gama incrível de informações se encontra disponível, em que é possível ter acesso às coisas mais exóticas do mundo; “É



um fato paradoxal, entretanto, que esta suposta diversidade conviva com fenômenos igualmente surpreendentes de homogeneização cultural.” (SILVA, 2003, p. 85). A homogeneização cultural tende a minar raízes, enfraquecendo o indivíduo a partir do momento em que “rotiniza” o convívio social, no qual, em geral, não se compartilha de rituais ou práticas artesanais e/ou coletivas. De modo individualista, a indústria (principalmente cultural) nos empurra a busca por experiências significativas no consumo cheio de sonhos, principalmente relacionados aos bens materiais apresentados pela grande mídia. Mas também estimula a ocupar um lugar, a ser uma *persona* no mundo, uma forma de se inserir, de se sentir por dentro... E, muitas vezes, faz com que sintamos vergonha de nossas identidades culturais, diante do glamour de “estar por dentro” de algo que se considera melhor.

Os que veem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana; os que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas. Ao contrário, é apropriado conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade, a diversidade que se inscreva na unidade. (...) a desintegração de uma cultura sob o efeito técnico-civilizatório é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros. (MORIN, 2002, p. 57).

Hoje, mais do que nunca, é preciso que tenhamos tolerância, pois propostas como o multiculturalismo apontam para a necessidade de que não seja apenas a história da cultura europeia ocidental, a única história significativa para habitar os currículos. O Brasil precisa reconhecer o que tem de melhor em si, o que certamente não é pouco. Nosso futebol, nossa cultura... Como diz Roberto DaMatta: “Viva o carnaval! Viva o futebol! E viva o povo brasileiro que generosamente permite que o Brasil campeão (Pentacampeão) resgate o Brasil que tem ódio de si mesmo.” (2006, p. 124). E mais adiante, falando ainda desta dificuldade de nós brasileiros nos aceitarmos, da vergonha de falar bem das “coisas nossas”, como diria Noel Rosa: “Claro que as coisas estão mudando. Mas não se pode negar essas dificuldades de amar abertamente o Brasil.” (DAMATTA, 2006, p. 131).

Portanto, a mitologia dos Orixás pode ajudar a nos resguardar de nos perdermos de nós mesmos, neste grande processo mundial chamado comumente de *globalização*. Nossas culturas afro-brasileiras, indígenas, orientais e europeias, todas são valiosas, pois

são elementos de um processo que nos define, ao correr do tempo, como uma experiência única, tão viva e cheia de variantes.

Neste caso específico, da necessidade de tornar a Cultura Afro-Brasileira conteúdo nas Escolas do Brasil, pela ausência que precisa ser ocupada, a mitologia dos Orixás é uma porta de entrada nesta ciranda de lendas que são as tradições dos povos africanos que vieram para o Brasil e desenvolveram suas culturas, apesar da distância da mãe África - e com diferenças substancialmente singulares - e da repressão da cultura oficial. Esta cultura de pele negra, tradicionalmente oral e particularmente musical, pôde moldar, ainda que na escravidão até 1888, alguns dos alicerces, das bases, das fundações, bem como dos acabamentos mais refinados da Cultura Brasileira.

Lundu, Jongô, Capoeira, Choro, Samba, Feijoada etc., estas são apenas as mais óbvias marcas deste caráter extremamente criativo para com a vida, presente no Brasil pela influência da Cultura Negra. São marcas de um povo que, numa roda, de mãos dadas e/ou em batuques, manteve viva sua cultura, demonstrando que era forte o suficiente para influenciar toda a “cultura oficial”. Cultura generosa que abarcou também brancos e outras etnias. Mas ainda precisamos ampliar o direito a esta liberdade religiosa. Talvez, se nas escolas houvesse um maior esclarecimento, a sociedade como um todo ganharia um auxílio, no sentido de dar o devido valor à cultura dos Orixás.

‘Eu amo o candomblé’ diz Michele. ‘Amo a hierarquia, as festas, os rituais, os Òrishá’ acrescenta. Para ela, contudo, existe um motivo mais forte para tanta convicção. ‘Sou negra! O candomblé é uma religião negra! E todos nós, os negros, deveríamos ser do candomblé, isso nos faria ser mais unidos e mais fortes’ disse-me a menina. Contudo, sua firmeza diminui quando falamos do preconceito e a vergonha toma o lugar do orgulho. ‘É muita zoação. Não dá para aguentar’. Ao falar da escola, a voz enfraquece, quase some. ‘Na escola é muito pior’, afirma. Alessandra diz também que, na rua, é chamada de macumbeira. Qualquer briga corriqueira com colegas acaba no que pra eles (os colegas) é um xingamento: ‘sua macumbeira!’ As meninas só se sentem a vontade para expressarem sua fé no terreiro e, para serem mais aceitas socialmente, as duas chegaram a fazer Primeira Comunhão e participaram de grupos jovens de Igreja Católica. ‘É porque a gente não aguenta o preconceito, mas também não aguentamos ficar no grupo jovem. Não tem atabaque, não tem nossas danças e cantos. O Candomblé é muito mais alegre’, diz Alessandra. (CAPUTO, 2008, p. 149).

Respeitar uma cultura significa conhecer algo sobre ela, significa conhecer o seu sentido. Uma Lei, em si, não pode garantir que realmente ensinemos algo de pertinente

e/ou de significativo para nossos alunos sobre a importância desta cultura dentro da história. A postura heroica de Zumbi é um dado importante, por exemplo. Os Quilombos, em sua independência e autonomia, tinham algo muito precioso, raro naquele tempo: liberdade religiosa. Grupos judaicos fazem um agradecimento especial no dia 20 de novembro (dia da Consciência Negra, homenagem a Zumbi), pois muitos judeus se refugiavam nos Quilombos, fugindo da “Santa” Inquisição e mantendo seu culto.

A resistência cultural altamente criativa e ritualística dos negros baianos da Saúde, é outro exemplo. Em torno deles se fizeram os primeiros Ranchos Carnavalescos por volta de 1870. Estes, necessitados de ritmos para seus desfiles, criaram a Marcha e o Samba, que dão sentido não só a ser carioca. Tia Ciata, uma das Tias Baianas<sup>8</sup>, era ligada ao Candomblé e, em sua casa, esta referência estava muito presente, particularmente na música. Com a difusão do samba nos anos de 1930, quando da liberação da propaganda visando expandir as rádios por Getúlio Vargas - que precisava de um meio de fazer política alcançando todo o Brasil - o Samba tornou-se o 1º gênero nacional, mesmo com as características culturais próprias de cada região. É um símbolo cultural fundamental que nos identifica.

Falamos muito sobre o assunto, de modo que quase tudo que está presente em termos de idéias e informações neste texto, foi trabalhado com os alunos.

Em sala de aula os alunos puderam discutir e apreciar narrativas de ambas as mitologias, a dos gregos e a dos Orixás. Desfrutando de conceitos fundamentais para ambas, - o que é Axé ? como a música pode estar no sagrado ? Qual a função das Moiras ? por exemplo - diante daquelas narrativas, histórias de sabedoria, muitas vezes, que falam de um homem, praticamente independentemente da tecnologia, que mantém em seu córtex cerebral traços de toda a história do Cosmo. Puderam expor opiniões e às vezes até expurgar alguns preconceitos. Tiveram espaço para tratar o tema que ainda é um tanto quanto *tabu* em nossa sociedade. Nossa visão de mundo e aquela noção sobre o assunto Cultura Negra que buscávamos se ampliou bastante, juntando-se a dados históricos, músicas de raiz negra no Brasil e pelo mundo. A Geografia veio dialogar pela ampliação do reconhecimento de pontos pelo globo, mas particularmente pela noção de globalização (velocidade de meios de transporte e comunicação), assunto trabalhado em sala também

---

<sup>8</sup> Até hoje temos, nas Escolas de Samba, a Ala das Baianas, uma homenagem a estas grandes mulheres. É interessante que se diga que os negros da Saúde muito auxiliados pelas Tias transformaram o Carnaval com os Ranchos, o Samba e a Marcha iniciais, eles inventaram um carnaval lindo e democrático. Também temos de destacar que hoje o Carnaval é uma poderosa fonte de renda para nós.

por esta Disciplina. Falamos de Literatura, de Artes Visuais (fotos de estátuas gregas e dos Orixás tiradas por Verger na África e na Bahia) e de política, economia e cultura brasileira. Batucadas! Conseguimos alguma interdisciplinaridade partindo dos mitos dos Orixás.

É costume dizer que a influência negra foi muito importante, que a cultura brasileira deve muito aos afro-brasileiros, mas é comum que não passemos destas máximas. É preciso que nos preparemos, que comecemos a saber mais da história do Brasil, de suas crenças e mitos, de sua presença marcante nos traços culturais e físicos de nossa gente, suas glórias e reveses. Precisamos ir além!

### **Sugestões de Leitura**

Nas últimas décadas, tivemos um crescimento editorial na área de literatura afro-brasileira, seja em livros ou revistas (PRANDI, 2001a, p. 26-30). Além de todos os livros de Pierre Fatumbi Verger, minhas sugestões de leitura sobre os Orixás são os livros: *Mitologia dos Orixás* (Cia. das Letras) e *Os Príncipes do Destino* (Editora Cosac & Naify), ambos de Reginaldo Prandi, lançados em 2001. Eles podem desvendar um mundo extremamente articulado em tradições culturais e simbolismos, ricamente ornado em termos mitológicos, de uma mitologia tão fascinante como a grega. O estudo da mitologia não precisa ser excludente.

Aliás, sobre a mitologia grega, recomendo *O Universo, Os Deuses, Os Homens*, de Jean-Pierre Vernant (Cia. das Letras, 2000), uma maravilhosa versão do autor, baseada nos clássicos, com fluxo de narrativa e conhecimento de causa maravilhosos.

### **Considerações Finais**

Histórias de Oxum, de Yemanjá, de Xangô, de Logunedé..., suas canções tradicionais e o que os poetas tornaram sons podem recriar o Universo deste povo. Em

círculo, como facilmente somos remetidos a imagens de índios, cantando e dançando, o Cosmo se mantém, a sensação de equilíbrio entre o Céu e a Terra, entre todas as forças naturais que tornaram-se humanas, que dão conta de diferentes formas de ser humano. Os traços arquetípicos, neste caso, apresentam-se absolutamente configurados em mitos cheios de consonância com nossa cultura brasileira.

Não se trata, em absoluto, de prestar culto aos Orixás, mas de reconhecer a importância cultural e de se respeitar também a religião. Não é um ensino religioso, mas o uso das mitologias afro-brasileiras como forma de (re)conhecimento cultural. *Os Príncipes do Destino* (PRANDI, 2001b), é um livro para todas as idades e fica claro como pode encantar particularmente as crianças, ainda mais pelas belas ilustrações de Paulo Monteiro. Claro que as tradições africanas e afro-brasileiras possuem histórias maravilhosas, sem menção aos Orixás, o que já daria alguma noção, através de narrativas e leituras, destas culturas. Porém, os Orixás são fundamentais para se entender realmente estas raízes afro-brasileiras e a mitologia pode ajudar muito. É o que geralmente fazemos com o estudo sobre os indígenas nas escolas. Ficamos normalmente devendo uma abordagem mais profunda e as lendas e mitos podem ajudar sobremaneira, atraindo a atenção para algo significativo; narrativas que quase se explicam por si só, que encontram ressonância em nossa condição humana. E o professor, estudando as lendas e mitos, trabalhando e aprimorando o modo de contar estas narrativas e de discutir o tema geral, esclarecendo dados históricos e levantando a questão do respeito pelas religiões, cumprirá a Lei nº 10.639 de uma bela maneira. Cada área de atuação deverá, é claro, encaminhar as discussões para a Disciplina a ser ministrada.

Seja por via da psicologia, da música, seja pela antropologia, pela literatura etc. ou via qualquer linha de estudo; seja simplesmente pelo puro prazer de conhecer os mitos e lendas, a Mitologia dos Orixás é linda, um modo prazeroso - embora não o único, a história, as danças, as artes visuais, por exemplo, a música (um dos caminhos mais belos) - de introduzir nas Escolas um pouco mais de entendimento (e dignidade) sobre a Cultura Afro-Brasileira no Brasil.

## **Bibliografia**

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

- CAPUTO, Stela Guedes. O candomblé também está na escola? Mas como? In: MOREIRA, A. F. e CANDAU, V. M. (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Itatiaia, 1993.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BRANDÃO, Ana Paula (Org.). *A cor da cultura*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura & Canal Futura, 2006.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega L.I*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GRIMAL, Paul. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2005
- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI N°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto*. Rio de Janeiro: Pallas Atena, 2003.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Cortez, 2002.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a .  
\_\_\_\_\_. *Os Príncipes do destino*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001b.
- SILVA, Nilton Sousa da. *O mito em Ernst Cassirer e Carl Gustav Jung: uma compreensão do ser do humano*. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. Bahia: Corrupio, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo os deuses os homens, mitos gregos contados por Jean-Pierre Vernant*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.